

DOSSIÊ TEMÁTICO

Da criança que um dia fui para as crianças que ainda somos: um manifesto pela liberdade de ser

Juarez Guimarães Dias¹

Resumo: Este ensaio busca, por meio de um exercício de memória e conectado aos procedimentos metodológicos do *brainstorming* e do *inventário*, um retorno à infância do autor, provocada pelo encontro com uma carta que escreveu para a criança que um dia foi, como parte do processo de pesquisa e criação da Peça-Jogo-Festa #Criança. O trabalho, que tem como tema as relações entre identidade, gênero e brincadeira, foi a motivação para a escrita desta auto-etnografia para pensar modos de ser criança como pessoa assumidamente LGBTQIA+ e os desdobramentos, feridas e cicatrizes oriundos da experiência. Amparado por Foucault (2009), Butler (2015a; 2015b), Kennedy (2012), Moriceau e Mendonça (2016), o ensaio se desenvolve pela performatividade das “escritas de si” e pelo método “da virada afetiva”, regressando ao passado para se pensar a partir da experiência da infância, e dos modos com que as normas e construtos sócio-culturais-políticos de gênero ferem a liberdade de ser criança.

Palavras-chave: criança, criança viada, performance de gênero, brinquedos

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2017.

Querido Ju,

Quando lhe disserem que você é o futuro, acredite, você será. O futuro vai chegar, mas por enquanto você não deve se preocupar com ele. Digo porque agora quase perto de fazer 40 anos posso compreender que sou seu futuro no presente de agora. E você para mim é mais que uma saudade.

Você é um menino risonho, criativo e agitado. Gosta de brincar de muitas coisas. Mas nem todas te são permitidas, uma pena, porque você tem a liberdade dos pássaros, das borboletas, mas os adultos não. Mas continue voando, vá para lugares desconhecidos e onde ninguém possa vê-lo na sua integridade de ser criança. Você merecia viver num mundo só de crianças, ainda que você goste de conversar com pessoas mais velhas. Não perca este hábito, é nas conversas com pessoas experientes que a gente aprende

¹ Doutor em Artes Cênicas (Unirio), Mestre em Literatura (PUC-Minas) e Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (Uni-BH). Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Co-coordenador do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (Neepec). E-mail: juarezgdias@gmail.com.

um bocado de coisas. E você ensina outras, como transformar um graveto numa espada, como bolhas de sabão são leves como o amor, como brincar na terra nos aproxima do Papai do Céu.

Seus pais o amam, com a dificuldade de todos em aceitar que o amor é liberdade de ser. Você um dia saberá disso e vai sofrer também. Te ensinaram o amor do Cristo, mas esqueceram de tirá-lo do papel.

Com amor,

Eu/ Você.

Reencontro esta carta e logo uma janela se avista para pensar este trabalho. Escrita há três anos e endereçada à criança que um dia fui, sua origem foi provocada como procedimento metodológico no processo de criação da Peça-Jogo-Festa #Criança², da qual sou um dos criadores, e que tem no elenco o ator e pesquisador da infância Gabriel Castro Cavalcante, a atriz e mãe Patrícia Diniz e as crianças que compõem o público. A proposta da carta chegou-nos por meio de uma oficina que o Gabriel fizera com Carlos Laredo, da companhia de teatro hispano-brasileira La Casa Incierta, especializada em teatro para bebês, em Belo Horizonte.

Sendo eu um homem cisgênero gay que assumiu sua identidade homossexual aos 25 anos de idade, este processo de criação me possibilitou voltar à infância, na altura dos quase 40 anos, e retomar fatos e acontecimentos que, no percurso da vida, tinha feito questão de apagar. As razões para o apagamento parecem óbvias e perpassam a infância de muitas pessoas LGBTQIA+: violências físicas e simbólicas, desde o cerceamento da liberdade de ser e brincar, passando por estratégias (ainda que não conscientes) de sobrevivência, a corretivos sobre determinados modos, gestos e posturas. Entre um ponto e outro há um universo a ser explorado, remexido, revisitado.

Reconheço que a proposta de escrever esse tipo de carta não é tarefa fácil, ainda que extremamente importante para se pensar, através da criança que você foi, e recomendo fortemente o exercício, que costumo aplicar para algumas alunas e alunos em sala de aula. Naquela altura, quando a escrevi, acabei protegido pelo curto espaço de

² O processo de pesquisa e criação da Peça-Jogo-Festa #Criança teve início em 2017, a partir de residência artística no projeto Cena Aberta do Centro Cultural da UFMG, onde foram realizadas atividades de pesquisa sobre infância, identidade, brinquedos e brincadeiras, literatura para crianças, teatro de animação, jogos de tabuleiro e jogos populares; pesquisa iconográfica e videográfica; experimentações da proposta de dramaturgia e ensaios. Foram promovidos uma oficina e dois seminários com convidados e abertos à comunidade e as etapas do processo foram compartilhadas no Facebook e em encontros do Núcleo de Estudos Neepec (FAFICH/ UFMG).

tempo que dispunha durante um dos encontros de ensaio e criação do projeto. Meu texto, que parece mais esconder do que revelar, retorna agora, em que me proponho neste ensaio alargar suas entrelinhas, fazer emergir os processos constitutivos e destitutivos da minha infância, ao abrir as feridas mal cicatrizadas pelo tempo e realizar um mergulho nas condições que atravessaram minha identidade e a conformação da minha subjetividade.

Antes de prosseguir, assinalo a perspectiva anacrônica do exercício da carta, que parece incidir em dois modos principais de fazê-lo: a) o remetente no presente dialogando com o destinatário do passado, antecipando questões do futuro; b) o remetente no presente retornando ao passado e dialogando com o destinatário no presente daquela infância. Meu texto parece oscilar entre um e outro, ainda que prevaleça a primeira modalidade. Não há, neste caso, certo ou errado, mas apenas maneiras de buscar um retorno à infância e uma oportunidade de um exame mais profundo desse período da vida, tomado por muitos como “puro”, “ingênuo”, “livre”, “idílico”, “lúdico” e outros adjetivos cafonas e superestimados. Quero pensar o ser criança a partir das minhas experiências através da memória, como um ser humano de pouca idade que deseja, sente, age, sonha e sofre.

Até então, não tinha pensado com tanta força sobre minha infância como pessoa LGBTQIA+ desde o encontro com Gabriel, um homem cisgênero gay, que conheci por meio de uma conversa no Messenger do Instagram, iniciada quando ele me enviou um emoji de coração, dando início a um flerte. Ainda que logo descobríamos tantos amigos em comum e trabalhássemos na mesma área, Teatro, e na mesma cidade, Belo Horizonte, não nos conhecíamos. Ele tinha vivido alguns anos em São Paulo e naquela altura regressara à capital mineira para se reestabelecer profissionalmente. A conversa inicial rendeu durante duas horas, estávamos ambos solteiros e interessados em ficarmos juntos. Do encontro pessoalmente estabeleceu-se uma paixão, o namoro foi iniciado e estamos há quase quatro anos juntos, sendo o último vivendo na mesma casa.

No processo de nos conhecermos, compartilhamos histórias de vida, família, formação acadêmica, trajetória profissional etc., em um determinado momento, Gabriel assinalou seu desejo de fazer uma peça-solo a partir de sua infância como “criança viada”. Vinha se organizando e levantando materiais, mas seu grupo de teatro não tinha dado a atenção que esperava e o projeto estava engavetado. Ele me mandou arquivos de texto em que reunia fragmentos sobre o ser “criança viada” e tinha essa expressão como título provisório. Em experiência anterior, durante participação em laboratórios de

pesquisa e experimentação do Grupo XIX de Teatro em São Paulo, ele desenvolveu a performance “Já brincou de boneca?”, orientada pelo diretor Luiz Fernando Marques (Lubi), realizando uma deriva pela Rua Augusta, ele vestido de boneca, junto a um único espectador (do sexo masculino) por vez, com quem trocava experiências e reflexões sobre a infância e atribuição de gênero a brinquedos. De volta a BH, tinha como proposta transformar os materiais da performance numa peça de teatro para adultos.

Sua inquietação em torno do tema vinha de constantes relatos de amigos, amigas e colegas de trabalho, muitos deles LGBTQIA+, sobre experiências de infância recorrentemente traumáticas, doloridas, porque privadas de liberdade, incorrências a violências simbólicas, censura, e tomadas como mera fase de preparação para a vida adulta. Na contramão dessas referências, a infância de Gabriel parecia uma das exceções à regra, pois seus pais (um médico e uma professora que viveram verdadeiramente o *modus vivendi hippie* dos anos 70) permitiram-lhe, e a seus irmãos, a liberdade de ser e brincar com o que desejasse, ainda que recebessem críticas de outros adultos.

Num breve levantamento, sua infância fora vivida no interior do Ceará, onde nasceu e gostava de ficar sem roupa, tomar banho de rio e de balde, dormir em rede, construir seus próprios brinquedos, como as bonecas de cabo de vassoura e cabelos de lã (que eram personagens inspiradas em atrizes da TV e com as quais recriava e encenava roteiros de telenovela); se queria usar um vestidinho podia, tinha brinquedos de menino e de menina e vivia muito introspectivo inventando as próprias brincadeiras, e agarrado à saia da mãe de quem parecia nunca se separar. Ainda hoje, adulto, conserva uma coleção de bonecas, de ursos de pelúcia, miniaturas de palhaço e eventualmente brinca com eles.

Assim, essa percepção de uma “infância como exceção” se tornou consciente para Gabriel na idade adulta, o que o levou a pensar em trabalhos artísticos que tivessem como objetivo compartilhar com o público sua infância singular e chamar a atenção dos adultos sobre a importância da liberdade das crianças para a construção de sua identidade como ser humano. Em nossas conversas, reafirmei o quanto minha infância tinha sido problemática como “criança viada”, que era uma questão relevante para muitas pessoas LGBTQIA+, entretanto, questionei em que medida esse cerceamento era exclusivo da nossa comunidade ou atingiria também outras infâncias. Fui convocado como parceiro no desenvolvimento do trabalho, mas pontuei que pudéssemos dirigi-lo às crianças de uma forma mais ampla, abarcando a diversidade de infâncias, e com a

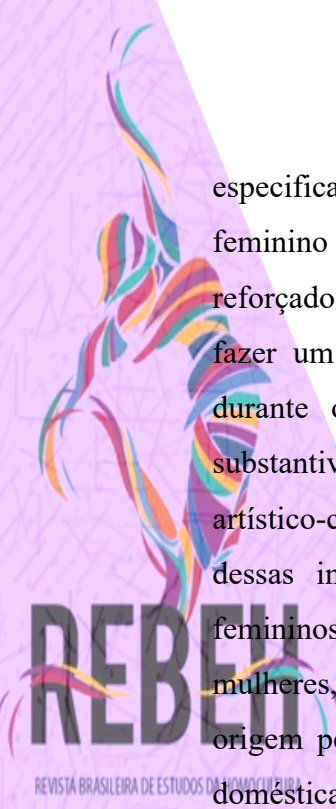
participação delas em performance, com o intuito de possibilitar, pelo menos durante um espaço de tempo, que elas vivessem experiência similares à da infância de Gabriel. O ator concordou com a ampliação e o novo direcionamento, abandonando a ideia de um trabalho para adultos centrado em “crianças viadas”, e levando a discussão sobre identidade, gênero e brincadeira para as crianças e com elas.

A virada deu-se por uma percepção nossa de que “criança viada” é uma designação e uma atribuição da população LGBTQIA+ sobre sua infância; trata-se de um olhar do adulto para a sua criança, reconhecendo nela modos e formas de debate entre as normas de gênero de maneira que o riso que dela emana pode empoderar e ser libertador. Entretanto, as crianças que são “viadas”, ou seja, que vivem a tensão entre as normas de gênero na infância, parecem não desejar assim serem reconhecidas, pois, no momento em que se vive, a alcunha tem caráter de *bullying*, de preconceito, carregando enorme sofrimento para meninos e meninas, sejam cisgênero ou transgênero.

O substantivo “criança” pertence à categoria sobrecomum em relação à flexão (ou não) de gênero na língua portuguesa. De acordo com a *Gramática do português contemporâneo*, “Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO. O masculino é o termo não marcado; o feminino é o termo marcado. [...] Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *peças* de ambos os sexos” (CUNHA e CINTRA, 2013, pág. 202-209). É curioso, e revoltante, perceber como as normas são estruturadas, sendo a língua um de seus principais mecanismos, já que a definição de gênero para o substantivo toma o masculino como universal, como o que precede, ou seja o “não marcado”, pois que é dado; e o feminino como o que precisa ser “marcado” para constituir a diferença em relação a.

Desse modo, “criança”, ao receber o artigo “a” na sua consistência como substantivo sobrecomum, marca-se pelo gênero feminino. Pergunto-me em que medida essa designação está relacionada à constituição biológica do sexo feminino, capaz de gerar a vida. Recorro ao *Dicionário etimológico da língua portuguesa* e, qual não foi a surpresa, ao constatar que “criança” é substantivo derivado do verbo “criar”: “**criar** *vb.* ‘dar existência a, gerar, formar’ XIII. Do lat. *creāre* [...] **cria** *sf.* ‘animal que ainda mama’ XVI. Dev. de *criar* || **criança** *sf.* ‘ser humano de pouca idade, menino ou menina’ XIII” (CUNHA, 2010, pág. 189).

Pode-se compreender, de partida, que “cria” e “criança” são correlacionados, estando o primeiro numa perspectiva generalista em relação aos animais e o segundo

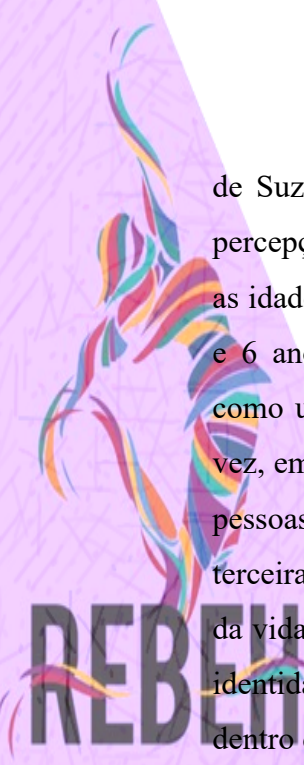


especificamente sobre a espécie humana. A curiosidade é que o vocábulo “criança”, feminino e sobrecomum, designa “o” ser humano, sobrepondo o masculino ao feminino, reforçado pela ordem na sentença onde “menino” vem antes de “menina”. Não pretendo fazer um exame pela Linguística, área que não domino como pesquisador, porém durante o processo da Peça-Jogo-Festa #Criança, chamou-nos muita atenção o substantivo que nomeia o universo para o qual estávamos propondo um trabalho artístico-cultural, “criança”, e a importância de nos debruçarmos sobre ele. A partir dessas inferências, constatamos como “criar”, “criação”, “cria” e “criança” são femininos e estão conformados numa perspectiva sócio-cultural-política em relação às mulheres, a quem foi atribuída a responsabilidade de formar e conduzir o ser a que deu origem pela vida. O espectro é amplo e abarca mães, avós, tias, babás, empregadas domésticas e professoras.

O tema “identidade de gênero” tem sido cada vez mais presente no cotidiano da sociedade, nos meios de comunicação e na vida universitária, entretanto, o recorte para pensar essas questões na infância ainda são muito incipientes. O binarismo de gênero é um construto social disseminado na vida dos seres humanos desde o nascimento e por diversas instituições que trabalham sua formação (família, escola, instituições religiosas etc.). Por meio de Judith Butler (2015a), chegamos à afirmação de que o gênero não é uma interpretação cultural do sexo biológico, mas construído como um ato performativo, noção fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Diz-nos a filósofa estadunidense que “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2015a, pág. 27). Interessa-nos a dicotomia entre sexo, gênero e sexualidade que amplia a percepção de modos distintos de ser e se performar diante dos outros. O gênero, como pensado por Butler, está sempre em processo, ainda que vigore a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes. Esta ordem compulsória é mantida pela repetição de atos, gestos e signos, que reforçariam a construção de corpos masculinos e femininos. Para Butler, o gênero é um ato intencional, um ato performativo que constrói significados.

Pensamos aqui na importância de tratar “criança” de forma abrangente, entendendo-a como denominador comum para a diversidade de infâncias. Natacha Kennedy (2012) da University of London, recupera um importante e precursor estudo



de Suzanne Kessler e Wendy McKenna sobre as idades que as pessoas vêm a ter a percepção do gênero: “[...] as crianças começam a entender a identidade de gênero entre as idades de 3 e 4, e que isto se desenvolve ao longo dos dois anos seguintes [ou seja, 5 e 6 anos], como também tornam-se conscientes de interpretações sociais de gênero como uma categoria de ‘invariáveis’” (KENNEDY, 2012, pág. 25). Kennedy, por sua vez, em seu estudo sobre crianças transgênero, reconhece que a maioria significativa das pessoas trans pesquisadas por ela tomam consciência de sua identidade de gênero na terceira infância (aproximadamente por volta dos 8 anos de idade) quando já participam da vida escolar. Assim, é no seio dessa sociabilidade que os indivíduos lidam com suas identidades, organizam-se por identificação e buscam reprimir e reprimir o diferente dentro dessa estrutura normatizada e reguladora dos corpos.

Confrontadas nossas experiências distintas de infância, minhas e de Gabriel, iniciamos o processo de trabalho, que originou a Peça-Jogo-Festa #Criança, durante o qual, entre pesquisas e experimentações, provocou para mim a escrita da carta (de mim para a criança que fui) que abre este ensaio e que desencadeou uma série de acontecimentos e lembranças que agora tento organizar. Volto, portanto, a essa criança que fui e me espia escondida debaixo da mesa. Fecho os olhos e tento retornar aos espaços, rever as cenas, observar os personagens que se movem no entorno dela, diante dela, contra ela, esse ela que também sou eu, que não está fora, ainda que projetada pela memória, mas dentro, em algum lugar, entre as cartilagens, os músculos, os órgãos, os membros, as células, as emoções.

Guio-me pelos movimentos da virada afetiva, colocando em cena uma escrita performativa, ao sabor dos acontecimentos e dos fios que as lembranças vão me conduzindo e vão se transformando em palavras, sentenças, orações, reflexões partilhadas. Recobro Moriceau e Mendonça (2016, pág. 81) ao assinalarem “[...] o reconhecimento da importância do afeto ao lado da razão, ao lado do cálculo, ao lado da estratégia nos assuntos humanos, em contrário aos pensamentos teóricos que muitas vezes ignoram ou minimizam o papel dos afetos”.

Compreendemos o afeto não exatamente na acepção da sensibilidade ou dos sentimentos positivos, mas de tudo o que afeta um sujeito pesquisador em seu processo e tudo o que o processo o afeta enquanto sujeito; refere-se tanto ao corpo quanto ao espírito, colocando em relações as razões e as emoções. Trata-se, sobretudo, de “[...] novas possibilidades epistemológicas e práticas metodológicas: ao modo de investigação em que o pesquisador é guiado por afetos, é motivado pela situação, tudo

isto como ponto de partida para a reflexão” (MORICEAU e MENDONÇA, 2016, pág. 82). Penso que, não obstante, esses movimentos colocam a pesquisa e as produções oriundas dela mais tangentes ao ensaio do que ao artigo *stricto sensu*, contribuição que vem desaguar nesse texto que aos poucos vai se desenhando.

Tomo os fios da escrita de si (ou seria escrita de mim?), tendo dois filósofos, Foucault (2009) como agulha, e Butler (2015b) como o novelo de lã, para o desenrolar dessa tessitura. Para o francês, a escrita de si constitui-se como uma espécie de “treino de si” e carrega “[...] uma função *etopoiética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos*” (FOUCAULT, 2009, pág. 134). Está associada ao exercício do pensamento, da meditação, do escrevente para si mesmo, como nos cadernos de notas e diários íntimos, ou em direção a outrem, como nas correspondências e outros textos que se encaminham à alteridade, pois “Escrever é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 2009, pág. 150). Para a intelectual estadunidense, por sua vez, o relato de si mesmo tem sempre implicações temporais e sociais, não é exclusivamente individual, mas relacional, pois

[...] não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático [visto que] o ‘eu’ não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para um conjunto de normas. (BUTLER, 2015b, pág. 18)

Num primeiro momento, decido por elencar as imagens, objetos e acontecimentos que me assaltam nesse exercício meditativo, num *brainstorming*, método de criação publicitária que me acompanha desde a graduação, passando pela prática profissional, chegando à docência. Em seguida, recorro ao *inventário* como um segundo método para essa autoetnografia, reunindo fotografias que tenho da infância e alguns documentos do passado (diplomas, certificados, notas de jornal), presente que ganhei de minha mãe no aniversário de 40 anos, além de discos, objetos e brinquedos que ainda guardo do período. O inventário, usualmente relacionado à listagem e organização dos bens (materiais) deixados por alguém após a morte, será tomado aqui como forma de organização e conexão entre elementos do passado (vivido, experimentado) em direção à criação de um painel sobre a infância que tive para pensar em modos de contar, contextualizar e analisar. Por fim, lanço perguntas à minha mãe buscando esclarecer alguns pontos sobre o meu nascimento de que desconheço. E passo

a contar para não esquecer, contar para partilhar com outras leitoras e leitores, contribuindo para a reflexão sobre a que criança que fomos e nos tornando pessoas adultas LGBTQIA+.

Vim ao mundo em 14 de abril de 1978, o primeiro filho dos meus pais (uma bancária e um comerciante casados na altura há dois anos), o primeiro neto e o primeiro sobrinho da família materna, o que presume grande expectativa. Nasci pequeno, miúdo, um “ratinho” como disse minha avó Emília, o que levou todos ao desespero, principalmente pelo comentário infeliz de uma enfermeira ao dizer que provavelmente eu não sobreviveria pós-parto. Naquele tempo não havia ultrassom, ao menos na cidade de Conselheiro Lafaiete, interior de Minas Gerais, então meus pais não sabiam o sexo biológico da criança.

Fui dado como “menino” após o parto, quando me retiraram do ventre materno por uma cirurgia cesariana. Assim, a expectativa estava em torno do nascimento, e não exatamente do sexo da criança, mas de sua saúde. O mesmo aconteceu com a gravidez dos meus outros dois irmãos e, de acordo com depoimento de minha mãe, os nossos enxovais de bebês tinham cores “neutras”: branca, amarela, verde-água, mas o sapatinho para deixar o hospital era vermelho, uma superstição para dar sorte.

De qualquer maneira, assim que designaram o meu gênero masculino pelo sexo biológico que constitui meu corpo (pênis e testículos), prática que ocorre frequentemente com os seres humanos em nossa cultura patriarcal, heteronormativa e cristã, circunscreveram-me na Certidão de Nascimento. A escolha do nome que me deram foi dedicada ao meu avô materno, que queria ter batizado seu primeiro filho, que nasceu natimorto, em homenagem ao estadista mexicano Benito Pablo Juárez García, por quem tinha profunda admiração. O nome próprio também é regulado pelas normas de gênero, construídos e atribuídos conforme o sexo biológico da criança, por meio de convenções sociais, salvo alguns que apresentam ambiguidade (ou neutralidade), considerados “unissex”.

Minha família, materna e paterna, tem origens muito humildes, meus avós foram pobres, conseguiram se estabelecer com trabalho e algum patrimônio herdado e foi na geração dos meus pais que alcançaram uma condição de classe média. Meu pai foi comerciante, minha mãe foi bancária (os dois estão aposentados atualmente) e com muito esforço conseguiram criar a mim e a meus irmãos mais novos, oferecendo-nos o que consideravam o melhor para nossa formação. Posso assegurar que nada nos faltou, tínhamos alimentação, babás e empregadas para cuidarem da gente e da casa, tínhamos

roupas, brinquedos, passeios nas férias, principalmente para o Rio de Janeiro, em casa de amigos da família, na Tijuca, Zona Norte.

Estudei em Escola Estadual dos 6 aos 10 anos de idade, depois acabei optando por um colégio particular dirigido por irmãs de caridade, para acompanhar meus melhores amigos e assim concluir o Ensino Fundamental e cursar o Ensino Médio, dos 11 aos 17 anos. A família como um todo é Católica Apostólica Romana, fui batizado, frequentei aulas de Catecismo, fiz Primeira Comunhão e depois a Crisma. Seguia com eles os preceitos religiosos, sendo obrigado a assistir à Missa toda semana, sobretudo aos domingos de manhã (quando passei a ir sozinho com meu irmão, ficávamos brincando na praça em frente durante a celebração), acompanhei com minha avó todo ano as procissões quilométricas da Semana Santa, carregando velas e rezando ininterruptamente durante os percursos (na adolescência ia com algumas primas para azarar e paquerar); frequentava as novenas de Natal realizadas nas casas das vizinhas de rua (às vezes tinha crises de risos ao lado de minha tia quando começavam as oferendas de orações para tudo em quanto era categoria social). Fui criado fortemente sob noções de pecado original, culpa, e muito medo de Deus e do diabo, que tiveram forte impacto na minha descoberta dos limites de gênero e da minha homossexualidade.

Agora que estou pensando sobre a infância, como fui sendo construído e meu gênero direcionado na construção de uma heteronormatividade, recobro um cartãozinho produzido em gráfica para distribuir aos parentes e amigos quando completei 1 ano de vida. Ao lado de uma foto minha, risonho, careca, gorducho (em função de meu nascimento muito miúdo, minha mãe fez uma campanha de superalimentação com leite enriquecido com vitaminas etc.). Ao lado esquerdo, a trovinha que escreveram pra mim: “Hoje faz um aninho/ Que cheguei para abafar/ Cuidado cocotinhas/ Pois safado vou ficar”. Olho para a imagem, leio, releio, não creio.

Tirando as palavras em diminutivo, que infantilizam as crianças, a chamada indica uma construção heterossexual, reforçando um desejo que ainda não dominava e nem mesmo conhecia. Para os adultos, há a inscrição de que o sexo masculino deve apontar seu desejo para o sexo feminino desde o início, elas aqui representadas pelas “cocotinhas”, e o vocábulo “safado” que direciona para uma fama de “pegador” e “ganhão”, tipicamente machista. São nos detalhes que vemos os construtos do que esperam que sejamos e não preveem qualquer possibilidade de dissidência da norma. Fazendo uma releitura *queer* desse cartão, reconstruindo seus significados para agora, reconheço como pessoa LGBTQIA+ o verbo “abafar” tão comum em nossas conversas

e formas de expressão. Transformo “cocotinhas” nas bichas “poc” que tenho no meu rol de amizades e afetos, e o “safado” releio como a liberdade conquistada a duras penas para viver o meu desejo sem sofrimento ou culpa e poder experimentar os relacionamentos afetivo-sexuais desde que comecei a viver quem realmente sou.

O convite para a festa de aniversário foi distribuído em dois modelos, ambos com um desenho de “menino” na impressão: o primeiro, um garoto vestido de caubói rodando uma corda em laço, sorridente, com os aparatos todos, bota, calça jeans, camisa comprida, colete, lenço no pescoço e o suporte com um revólver na cintura; o segundo, no qual me reconheço mais hoje, um garoto ruivo vestido com camisa lilás e calça rosa, piscando um dos olhos e segurando atrás de si um presente com uma bomba acesa, estando ele ao lado de um cachorrinho de estimação. A “bomba” ficou guardada e explodiria 24 anos depois, de forma definitiva e inevitável pra mim. Sei, pelas fotos e pelas histórias já relatadas, que a festa foi um sucesso, reunindo parentes e amigos da família na celebração do primeiro ano de vida do primogênito, do herdeiro, recebendo nota na coluna social de um jornal da cidade.

Acompanhada da mesma foto, a colunista escreveu: “Ernane e Kátia receberam os amigos para cantar os ‘parabéns pra você’ para seu lindo herdeiro, Juarez. A mesa recebeu linda decoração em coelhinhos, doces e salgadinhos deliciosos fizeram a alegria dos convidados. O aniversariante estava usando um lindo conjunto em veludo azul. Dizem que arranjou muitas namoradinhas. Parabéns aos papais, avós, titios e naturalmente ao aniversariante, a quem desejamos muitas felicidades”. Queria dispensar comentários, mas não posso me furtar a observar o peso de palavras como “herdeiro”, que incide sobre a responsabilidade de ser o primeiro filho, o primogênito de um lado da família, regado de expectativas em relação ao futuro; vestido de “azul” para garantir o gênero e aguardando as “namoradinhas” que iriam me coroar como um varão (no sentido bíblico). A expectativa parece ter encontrado melhor lugar no nascimento do meu irmão Ernane (homônimo do meu pai) que, sendo um homem cis heterossexual, não decepcionava na construção de seu gênero masculino.

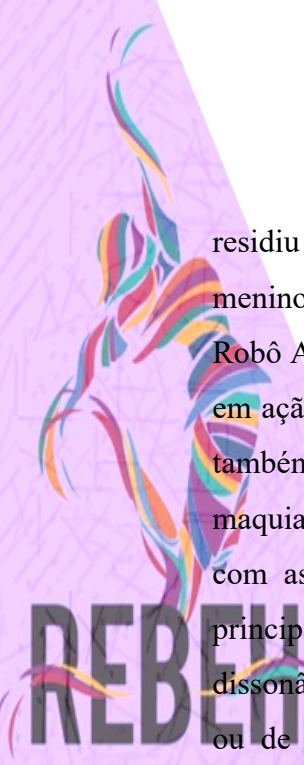
As fotografias que agora revejo dos meus primeiros anos de vida reforçam a construção, considerada natural, em torno do gênero masculino. Camisetas e shorts como vestimenta, calças compridas no inverno, blusas de malha e moletom, tênis, sapatos e sandálias de couro para os pés, ou seja, roupas “de menino”. Em uma delas me vejo brincando aos 4 anos com restos de uma obra na casa da minha avó; em outra com 6 vestido de palhaço, para o Carnaval ou festa na escola (que adorava e me fez ter

grande apreço por palhaços). Emergem algumas fotos de “criança viada”, em uma atendendo ao telefone, a cabeça tombada para o lado, delicado. Em outra, aos pés de um suporte de uma samambaia com o desenho do corpo bem afeminado (essa minha mãe colocou num quadro e me deu de presente há pouco tempo). Noutra, estou com meu irmão, ambos vestidos com o uniforme do Flamengo, abaixados e segurando uma bola.

Ainda que tivessem tentado o reforço constante do que é considerado “masculino”, tendo a pressão do meu irmão que adora, nunca tive apreço por futebol, nem por jogar e muito menos por assistir e torcer. Minha dissidência surgia na escola ao temer e muito as aulas de Educação Física, quando a esmagadora maioria dos meninos preferia o “jogar bola com os pés”. Gostava de vôlei, praticado mais com as meninas, ou as seções de ginástica olímpica. Nem mesmo o basquete e o handebol me apeteçiam, pareciam violentos demais, ou eram praticados de forma muito agressiva, e não me reconhecia. Lembro de meninas que tinham força e habilidade para o futebol, mas eram alijadas do esporte e seriam consideradas masculinizadas.

A divisão dos esportes, dos brinquedos e brincadeiras por gênero durante a infância parece um complicador, que resulta em diversos constrangimentos e ações de *bullying*. O único prazer dessas aulas, de que me recordo, era compartilhar o vestiário com os colegas meninos, mas num contexto de que não me apercebia onde se localizava esse desejo e o porquê de sua manifestação. De qualquer maneira, entendo como a Educação Física expõe os sujeitos ao colocar seus corpos em performance, de onde emergem contrastes como “força” e “delicadeza”, “virilidade” e “fragilidade”.

Do que eu apreciava muito na infância era desenhar, colorir, pintar, e a escola, quando chegou, ao menos dentro de sala, era um oásis para mim que amava estudar e aprender. Ia com gosto para as aulas, adorava o recreio e a merenda da cantina, o convívio e os jogos coletivos como pegador e queimada. Minha primeira emancipação, que recordo com muito carinho, foi aprender a ler e um livro que marcou essa fase de alfabetização foi *Davi, meu amiguinho* (de Eunice Alves e Marcia de Almeida), com o qual tenho uma foto, já banguelo pela perda de dentes de leite e sorrindo, contrariando os pedidos da minha mãe ao posar. Tive alguns afetos na primeira infância, por uma colega Joyce, depois pela Simony do Balão Mágico, que se alternava entre o Bob e o Mike. Do grupo musical infantil que invadiu as telas da TV, ganhei todos os discos, ano a ano, se não me engano, lançados na antecedência do Dia das Crianças. Cantava *Se enamora* e me emocionava pelas primeiras manifestações de afeto em direção a outrem.



Quanto aos brinquedos e brincadeiras, me parece que foi nesse campo onde residuiu a maior parte do sofrimento que vivi na infância. Para além dos “brinquedos de menino” que gostava, como carrinhos, ferramentas, tinha loucura pelo Ferrorama e o Robô Ar-tur (que nunca ganhei porque eram caros), bonecos de super heróis (Comandos em ação, He-Man), kits de Playmobil, estojos de médico, jogos de montar, fazendinha, também gostava de “brinquedos de menina” como bonecas, Barbies, roupas de bonecas, maquiagem, kits de cozinha, panelas etc. Como não dispunha em casa, era no encontro com as muitas primas que o desejo se realizava. E tinha que ser bem escondido, principalmente do meu pai, que se voltava violento contra o que ele entendia como dissonância. Às vezes ele ia me buscar e tentava me surpreender brincando de casinha ou de boneca, mas minhas tias, reconhecendo a estratégia, tentavam de tudo para camuflar ou disfarçar. Quando acontecia, era levado de volta para casa sob tapas, beliscões e xingamentos. Esse fantasma da interdição e do medo acompanhou grande parte da minha experiência como criança.

O nascimento da minha irmã caçula amplificou essa experiência, pois passei a contar com “brinquedos de menina” dentro de casa. Com cinco anos de diferença, Glauce se tornou para mim a minha “boneca viva”. Gostava de ajudar a cuidar dela e à medida que foi crescendo, pentear seus cabelos, amarrá-los com chuquinhas e laços, ajudar a escolher suas roupas. Sua presença confrontou meus desejos de infância, que passou a dispor de um referencial infantil do gênero feminino. Lembro agora de uma vez, na casa da minha avó, em que vesti seus vestidos, coloquei colares e sapatos, passei batom. Eu devia ter uns quatro ou cinco anos e o fazia escondido, ela tinha saído para ir à padaria ou algo assim, mas acabou me apanhando de surpresa. Não me lembro de ser repreendido, mas que deveria tirar tudo logo para não ser visto pelo meu pai. Eu não entendia porquê não podia brincar com o que quisesse e isso foi construindo uma série de interdições que tentava driblar de algum modo, sabendo de possíveis represálias.

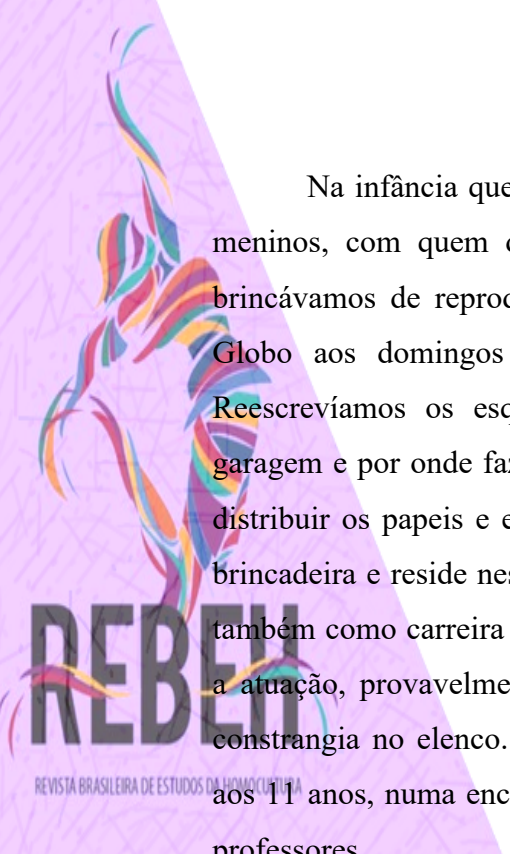
O medo ainda é o meu principal desafio na altura dos 42 anos de idade. A autoridade e a violência paterna, de quem apanhei várias vezes e de cinto, dos arroubos nervosos quando se via contrariado, é um peso que ainda não consegui me desfazer. Da feminilidade que apresentava em meu comportamento, nos gestos de colocar os punhos fechados sobre a cintura, sentar com as pernas cruzadas nos joelhos, que ele não se cansou de corrigir (o “certo” seriam as mãos abertas segurando a cintura e o calcanhar de uma perna sobre a outra coxa, tudo como “homem” devia fazer). Esses registros da infância que ainda moram no meu corpo me fazem ter ojeriza de violência, de

discussões, de gritos e brigas. Nunca consegui levantar a mão para ninguém, nem para me defender do meu irmão, mais afeito aos “jeitos” truculentos de “menino”. Até hoje apanho para não bater, ainda que tenha aprendido a ser mais conciliador e menos combativo. Entretanto, a vida exige postura, modos de se colocar e se defender, para não ser “engolido”.

A estreia do *Xou da Xuxa* na TV Globo, quando contava com 8 anos de idade, pela intensa propaganda feita para seduzir as crianças, me fez implorar à minha mãe para faltar à escola e poder assistir, porque naquele ano coincidiam os horários. Ela não apenas permitiu e, percebendo meu encantamento por aquele universo, não hesitou em comprar pra mim alguns produtos lançados, além dos discos anuais, como cadernos, estojos e kits escolares da apresentadora branca e loura de chuquinhas no cabelo.

Aliás, minha mãe confessou há alguns anos que, desde a infância, reconhecia que eu era “diferente” dos outros meninos, mais delicado e amoroso, mais compreensivo, menos violento e desleixado. Sempre obediente e estudioso, fui consolidando a imagem do “bom menino” cheio de talentos para o desenho e para a escrita. Graças a ela, cursei datilografia aos 11 anos e ganhei uma máquina de escrever; depois estudei desenho artístico e pintura, dos 12 aos 13 anos, e me matriculei num curso de Teatro aos 15, para o desgosto do meu pai, temendo uma aproximação com as bichas artistas da cidade. Mas ela me bancou e, ao lado da minha tia, de alguma forma construíram uma rede de apoio e proteção.

Cresci com meus irmãos e a Tia Cláudia, a única irmã de minha mãe, que tinha 10 anos de idade quando nasci. Então, de alguma forma, mais do que sobrinho, fui seu “irmão” caçula. Era em sua companhia que passava meus dias, no seu quarto descobrindo o *pop rock* dos anos 80, apreciando demais a convivência com ela e suas amigas. Seu primeiro e longo namoro (que rendeu casamento e depois divórcio) era com um rapaz que também desenhava e pintava e ele se tornou uma grande referência, ainda que não gostasse que o chamasse de “tio”. Por ela, também me apaixonei pela Turma da Mônica, cujos exemplares lia da assinatura que me deu de presente; depois ela mesma passou a assinar para si e me emprestava para ler. Ela tinha feito Magistério e era professora infantil (acabou tendo sua própria escola durante anos), adorava vê-la elaborando as tarefas e depois rodando as folhas no mimeógrafo. Era disso que gostava de me ocupar, dos diversos brinquedos e de coisas “de escola”: canetinhas, lápis de cor, cartolinas, papéis coloridos, esse era o meu mundo mais amado.

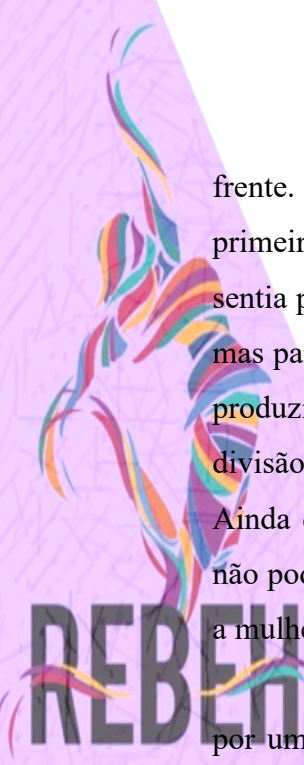


Na infância que vivi até os 10 anos, marcou os amigos de rua, entre meninas e meninos, com quem descobri o teatro. Na casa de uma família vizinha de muro, brincávamos de reproduzir quadros de *Os trapalhões*, exibido semanalmente na TV Globo aos domingos e antes do *Fantástico*, e de *A praça é nossa*, do SBT. Reescrevíamos os esquetes de “memória”, esticávamos um arame na entrada da garagem e por onde fazíamos passar um lençol velho para servir de cortina. Depois de distribuir os papéis e ensaiar, convidávamos os adultos para apresentar. Adorava essa brincadeira e reside nesse contexto a paixão pelo teatro que depois veio a se confirmar também como carreira de dramaturgo e encenador. Agora reconheço porque abandonei a atuação, provavelmente porque “dava pinta”, tinha trejeitos afeminados, o que me constrangia no elenco. Tive boas experiências, quando interpretei um menino de rua, aos 11 anos, numa encenação do colégio e que tinha ficado marcado para os colegas e professores.

Outras lembranças que surgiram pelo *brainstorming* e pelas fotografias relacionam-se com o quanto sempre gostei de ouvir música e de dançar. Ainda criança ganhei uma vitrola portátil do Mickey e da Minnie, com a qual andava de um lado para o outro, carregando-a debaixo do braço, e nas mãos os discos do Balão Mágico, da Xuxa, dos Abelhudos, do Trem da Alegria. Cantava junto e dançava, reproduzindo as coreografias exibidas na TV, e era muito bom quando juntava com as primas na casa da Tia Rosinha e podíamos ficar durante horas fazendo isso. Só eu não podia ser pego, porque também não era de bom grado.

Parece que “meninos” não podem dançar, não devem expor o corpo em performance, apenas as “meninas” podem e devem se exhibir para o olhar dos adultos, treinadas desde cedo também pelas direções do gênero. Lembro de uma vez, devia ter por volta de 11 anos, estava no banho ouvindo a trilha sonora da novela *Bebê a bordo*, quando tentei acompanhar, em falsete, a cantora Wanderléia na canção *Me ame ou me deixe*. Minha mãe, que ouvira, depois veio me dizer que eu devia cantar como as vozes masculinas, algo nessa direção. Assim, minhas arestas foram sendo aparadas, pelas correções nos modos de dançar e cantar menos afeminado.

O fim da minha infância foi marcado pela descoberta da sexualidade, aos 10 anos, quando iniciaram as primeiras ereções involuntárias e do prazer que delas emanavam, debaixo dos lençóis, sozinho no quarto. As conversas sobre sexo sempre foram tabus, como ainda é em grande parte dos lares e famílias, então fui crescendo tentando descobrir na rua o que não aprendia em casa e a escola guardava para mais à



frente. Com os meninos da rua descobri a brincadeira do “troca-troca” onde pela primeira vez senti que havia um desejo pelos corpos dos meninos diferente do que sentia pelas meninas. Muitos daqueles amigos com que participei não são homens gays, mas participaram da aventura de revelarmos, por nós mesmos, os desejos que os corpos produziam. Mesmo assim, havia uma distinção que era colocada, conformando a divisão sexual, entre os meninos que penetravam e os que deixavam ser penetrados. Ainda que fosse um acordo que todos deveriam se revezar, o prazer de ser penetrado não podia ser explicitado sob a tensão de ser discriminado como a bichinha, o viadinho, a mulherzinha da turma.

Brincávamos na horta da minha avó, escondidos, mas depois fomos descobertos por uma das empregadas que, sem nos revelar, contou para minha mãe e a notícia se espalhou pela rua. Nunca soube se meu pai tomou conhecimento, acredito que sim, e foi pelo episódio do “troca-troca” que minha mãe me levou para uma psicóloga, reconhecendo talvez mais um dos traços de uma possível homossexualidade. Antes de ir à sessão, ela me chamou no quarto de portas fechadas, para expor a situação, perguntar o que tinha se passado. Eu já sabia das interdições e busquei negar qualquer coisa que ela não quisesse saber, de fato. Eu também não sabia exatamente o que era, apenas que gostava da brincadeira, ainda que não pudesse. As expectativas em relação ao filho homem, primogênito, heterossexual, iam sendo frustradas.

No consultório, encontrei outros meninos, alguns colegas de escola, que estavam “na mesma situação”, todos envergonhados. Fomos convidados a nos sentarmos no chão, em roda. Com muito cuidado, mas certa do que deveria fazer, aos poucos a doutora foi conversando com a gente sobre o que andávamos fazendo. Lembro de sermos perguntados se brincávamos de “colocar o piu-piu no bumbum do outro”. Nenhum de nós conseguia responder, era demais constrangedor. Talvez uma ou outra cabeça tenha feito um meneio discreto. Silêncio. Então, a doutora teceu um rosário sobre aquela brincadeira que não podia, que nós devíamos esperar o momento de namorar as meninas, que não se podia brincar de boneca etc. etc. etc. Dali em diante, emudecidos, censurados, sem a menor explicação concreta e cuidado, fomos abatidos em nossa subjetividade e descobertas do desejo e do corpo que se anunciavam.

Percebo agora que grande parte das coisas que gostava parecia que não podia, apenas não compreendia o porquê, que agora entendo do que chamamos como a normatização do gênero. A divisão “menino” e “menina” erguia um muro que eu queria transpor, mas não podia. E se eu o fazia, estava errado. Mas o errado era eu? Hoje sei

que não, o erro estava (e ainda está) no entorno, nas ações dos adultos sobre o ser criança. Estou falando da minha experiência como homem cis gay, mas acredito firmemente que brincar não define gênero nem sexualidade de ninguém e felizmente há iniciativas de desconstruir alguns desses lugares com as gerações vindouras. Reconheço que é um caminho árduo, porque está ligado a uma estrutura sócio-cultural-política milenar, sustentada por preceitos religiosos e morais, mas aposto num futuro de mais liberdade.

Enquanto eu ia me descobrindo, entrando na pré-adolescência, depois de tantos episódios e de não querer magoar meus pais, fechei-me num mundo só meu, entre os 11 e 14 anos de idade, quando comecei a desenvolver a escrita (adorava as aulas de Português e Redação) e a escrever livros, desenhar e pintar e me isolar de alguma forma do contato com os amigos meninos que recorriam ao *bullying* para ferir o que consideram “diferente”. Tive uma paixão por uma prima torta, namorico de criança, que não evoluiu. Queria me afastar das rodas de conversas de meninos sobre meninas, sobre masturbação, iniciação à sexualidade etc. Queria ser neutro, blindar e esconder os meus desejos de olhar para os outros homens, desejos dos quais não conseguia escapar.

Durante a adolescência, tentei firmemente construir uma identidade heterossexual e comecei a namorar meninas. Minhas referências de homossexualidade eram restritas às bichas afeminadas, da periferia da cidade, ou das caricaturas da televisão. Por não me reconhecer nelas, ativei o modo “ser homem” e tive minha iniciação sexual com uma mulher mais velha que trabalhava próximo à minha casa e se insinuou pra mim. Não foi bom, ainda que tentasse uma satisfação no encontro com o sexo oposto, e esse foi o grande impasse nos namoros que tentei consolidar, chegando a ficar anos com uma garota sem transar com ela. As tentativas nesse sentido foram desastrosas e me sentia mal de não conseguir, de falhar, sem saber o que iria acontecer e o que iriam dizer ou pensar de mim.

Entretanto, no último ano do Ensino Médio, me apaixonei por um colega de grupo de jovens, foi a primeira experiência homossexual de ambos, e nos apaixonamos. No contato físico, meu corpo reagiu como nunca até então e eu tive a certeza para onde apontava o meu desejo e a minha orientação sexual. Mantivemos relacionamentos heterossexuais paralelamente e ficamos anos juntos dentro do armário. No início parecia o “correto” a se fazer, ambos vivendo numa cidade de interior, repleta de preconceitos. Mas isso não durou muito tempo, ao menos pra mim, pois me considerava um farsante, mau-caráter, por enganar uma companheira, além de colocá-la em risco. O período

coincidiu com minha mudança para Belo Horizonte para fazer faculdade, o que foi um grande alívio, pois pela primeira vez podia ter uma vida longe dos olhares da família e das línguas ferinas da cidade. Decidi que queria exercer a minha identidade e o armário sobreviveu alguns anos, sendo que cada vez mais me afastava de qualquer possibilidade de enganar alguém do sexo oposto. Enquanto isso, busquei encontros furtivos com outros homens, pois queria exercer e viver a sexualidade.

Não desejo escapar do espectro que envolve essa escrita, o período da infância, queria apenas concluir essa trajetória sobre o primeiro namoro que assumi entre os amigos de Belo Horizonte e que levou meus pais mais uma vez a me pressionar. Com 25 anos, já formado e trabalhando profissionalmente para pagar as contas, percebi que era o momento de não mais me esconder e tirar boa parte do peso que recaía sobre mim desde que nasci. Fui acolhido por ambos, mas meu pai demorou mais a se render e abrir-se ao convívio. Depois de uma fase inicial difícil e de adaptação para todos, posso agradecer o acolhimento que minha família fez para mim e para o meu namorado naquela época, com quem fiquei durante 13 anos e cujo relacionamento ajudou a construir uma vida que esperava há muito ter, de convivência, de harmonia, de integridade.

Atualmente estou com o Gabriel, que me abriu as janelas para o passado da infância, que relutava em voltar e fizera questão de apagar. Entretanto, por ele nunca ter sido questionado em relação aos seus brinquedos de infância e nem sobre sua homossexualidade, representou de alguma forma um desafio que queria vencer. Pelas conversas, pelo convívio, pelo regresso ao passado, percebi a possibilidade de curar feridas mal cicatrizadas. Com ele e por ele, me dei de presente minha primeira e única boneca Barbie. Mesmo que hoje não tenha mais o ensejo de brincar com ela, está aqui na estante da sala da nossa casa, para quem quiser ver (ou fingir que não viu). Por ele e com ele aceitei os desejos que me moviam na infância, redimensionei o modo como a família reagiu e impôs interdições e castigos, num esforço de me perdoar e de perdoá-los. Agradeço-o pela oportunidade de reinvenção e de cura, que circunscreveram a minha entrada na fase dos 40 anos, o início da maturidade como homem cisgênero gay, professor universitário e artista.

Durante o processo da Peça-Jogo-Festa #Criança, depois da carta de mim para mim, escrevi uma carta para os meus pais, onde pela primeira vez expunha as angústias que tinha vivido na infância e em torno da minha sexualidade e coloquei nos Correios. Minha mãe respondeu também por carta, surpreendida, pois achava que eu era “muito

bem resolvido”. As aparências enganam. Ela não me garantiu se meu pai leu ou se negou a fazê-lo, temendo o seu conteúdo. Por mais que nos aproximamos pela convivência depois de assumir, há ainda lacunas na nossa relação de homens, pai e filho.

Reconheço alguns limites que ainda não consegui transpor, sobretudo em relação aos modos corporais e gestos, o corpo que dança em performance, e que possam ser reconhecidos como afeminados, sobretudo, na presença dele e de meu irmão. Penso, agora, que se eu fosse, ou tivesse sido, uma bicha afeminada, uma bicha poc, provavelmente não seria acolhido ao assumir como fui. Sinto que ainda impera, nas entrelinhas, nos bastidores da convivência, que uma coisa é ser gay e não parecer gay. Espero que na segunda temporada (pensando que a vida recomeça aos 40), tenha a coragem e de ultrapassar esses limites, em direção a uma experiência de vida cada vez mais livre, se é que é possível, ou se continuarei tentando encontrar espaços onde posso me realizar. A principal dificuldade, sempre, é desgarrar do olhar dos outros, do julgamento alheio, sem sofrimento e com toda a dignidade possível de existir.

Recordo minhas sobrinhas, Melissa e Yasmin, de 7 e 4 anos de idade respectivamente, filhas do meu irmão, e que desde o nascimento vêm sendo criadas nas prisões do gênero, conformando-as em modos de ser, de brincar, de construir suas subjetividades, já encerradas na personagem da princesa que espera um príncipe encantando para salvá-las. Tenho pena, pois, independente do que serão como adultas, a infância delas já sofre uma série de restrições desnecessárias e cerceadoras. Como tios artistas, viados e “descolados”, Gabriel e eu vamos contribuindo com outros brinquedos e brincadeiras que transcendam os limites dos gêneros, procurando abrir uma brecha de liberdade nessa infância já capturada pelas normas, pela moral, pelas regras.

Encerro este ensaio lembrando que foi todo escrito durante o isolamento social pela quarentena, em decorrência da pandemia do Covid-19. Estamos em casa, Gabriel e eu, compartilhando as angústias desse processo, que não é fácil, mas do qual esperamos sair melhores, mais fortes, com saúde, na expectativa de um novo mundo que deverá vir, um mundo que ainda não conhecemos, mas que certamente não será mais como o que vivemos até agora. Nossas atividades estão suspensas, mas um pouco antes do início da pandemia no Brasil, conseguimos realizar a estreia da Peça-Jogo-Festa #Criança, depois de três anos de pesquisas e processo de criação.

O projeto resultou num desafiador jogo de tabuleiro em dimensão ampliada, onde as crianças do público são as jogadoras e têm como missão encontrar a criança que

o Gabriel um dia foi, cuja cartografia do percurso foi livremente inspirada na sua infância. Durante o jogo, as crianças têm garantidos espaços de expressão, de performatividade, de serem livres como se espera de toda criança. Sobre o trabalho, que está apenas no início e já indicou um grande potencial junto ao público, desejamos que possa ser libertador, uma experiência marcante para as pequenas e pequenos que, esperamos, estarão de volta conosco assim que tudo isso passar.

Acreditamos que a arte pode curar, pois “curar” é “cuidar” e assim o fizemos a partir e no entorno deste trabalho. É um presente que oferecemos, das crianças que fomos para as crianças que o são agora, neste tempo de revisões e novas descobertas. Que possamos transitar entre os gêneros, brincar de ser, ampliar o espectro do que nos constitui como seres humanos.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, Judith. Um relato de si. In: **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015b, p. 11-56.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4 ed revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Ed. Vega, 2009, p. 127-160.

KENNEDY, Natacha. Crianças transgênero: mais do que um desafio teórico. Trad. Valéria Amado. In: **Cronos – Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN**. Vol. 11, nº 2, 28 nov 2012. Natal: Editora da UFRN, 2012, p. 21-61.

MORICEAU, Jean-Luc e MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Afetos e experiência estética: uma abordagem possível. In: MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo e CARDOSO FILHO, Jorge (Orgs.). **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, p. 79-98.

From the child I once was to the children we still are:

a statement for the freedom to be

Abstract: This essay intends, through a memory exercise and connected to the methodological procedures of brainstorming and inventory, a return to the author's childhood, caused by an encounter with a letter that he wrote to the child he once was, as part of the research and creation process of the Performance-Play-Party #Child. The work, which has as its theme the relationships between identity, gender and playing, was the motivation for writing this self-ethnography to think about ways of being a child as an assumed LGBTQIA+ person and the developments, wounds and scars originating from this experience. Supported by Foucault (2009), Butler (2015a; 2015b), Kennedy (2012), Moriceau and Mendonça (2016), this essay is developed by the performativity of the "writings of oneself" and the method of the "affective turnaround," returning to the past to think from the experience of childhood, and the ways in which the socio-cultural-political norms and structures of gender hurt the freedom of being a child.

Keywords: kid, queer child, gender performance, toys

Recebido: 27/04/2020

Aceito: 12/05/2020